I.

Antigo presidente do governo regional da Catalunha foi detido pela polícia alemã junto à fronteira com a Dinamarca. Carles Puigdemont tentava regressar de carro à Bélgica.

Bruxelas apoia Reino Unido no caso do envenenamento do ex-agente Sergei Skripal. 14 países da União Europeia já anunciaram a expulsão de diplomatas russos.

Ainda neste Magazine Europa: Estudo revela que França e Espanha são os países europeus mais afectados pelo terrorismo.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Carles Puigdemont, ex-presidente do Governo Regional da Catalunha foi detido pela polícia alemã na manhã de Domingo. O político foi parado quando atravessava, de carro, a fronteira entre a Dinamarca e a Alemanha. Mais com a jornalista Lina Ferreira.

Carles Puigdemont seguia no Domingo a caminho da Bélgica. Atravessava a fronteira entre a Dinamarca e a Alemanha, quando foi detido. De acordo com o jornal *El Pais*, o antigo presidente do Governo Regional da Catalunha foi levado para a prisão de Neumünster, a norte de Hamburgo, onde aguardou para ser presente a um juiz alemão.

O ex-presidente da Generalitat terá saído de Helsínquia, na Finlândia, onde participou numa conferência, ja sabendo que Espanha tinha reactivado um mandado de detenção internacional. Puigdemont é acusado por Madrid de sedição, rebelião e desobediência em Espanha pela organização de um referendo considerado ilegal e por ter declarado unilateralmente a independência da Catalunha.

O político exilou-se na Bélgica, onde as autoridades locais recusaram a extradição para Espanha.

Agora na Finlândia, Carles Puigdemond lamentou as acções de Madrid.

Carles Puigdemont, ex-presidente do Governo Regional da Catalunha

É um erro grave, mais um erro grave das autoridades espanholas em geral. Pôr políticos na prisão não é a resposta. Forçar os políticos não é a resposta. Não é a maneira de resolver o problema de forma democrática.

Em caso de condenação, o político catalão pode enfrentar uma pena de prisão até 30 anos.

. . . .

Lina Ferreira aqui sobre a detenção de Carles Puigdemont, depois de Espanha ter reactivado o mandado de detenção internacional. Vale a pena ainda referir que manifestações foram organizadas em Bruxelas, também em Barcelona para pedir a liberdade dos políticos independentistas da Catalunha.

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, comentador do Magazine Europa e consultor internacional baseado em Bruxelas.

Victor, houve algum silêncio à volta da questão da Catalunha. O mandado de captura tinha sido retirado. Por que razão reactivou agora Espanha este mandado de detenção internacional? O governo espanhol quer mostrar que é extremamente severo quando se trata de movimentos independentistas anticonstitucionais contra o reino de Espanha e, na realidade, eles não perderam de vista Carles Puigdemont. Ele estava a ser seguido por cerca de 12 agentes secretos espanhóis, houve uma colaboração muito grande entre a polícia secreta de Espanha e a polícia alemã e, na realidade, assim que ele entrou na Alemanha, a polícia alemã agiu a pedido da polícia espanhola e ele foi imediatamente detido.

E porquê a polícia alemã e não a dinamarquesa ou finlandesa? A partir do momento em que os serviços secretos espanhóis perceberam que ele iria de carro, eles preferiram esperar que ele entrasse na Alemanha, porque aí tinham a certeza absoluta que a polícia alemã agiria conforme o pedido vindo de Espanha, ou

seja, há aqui uma tradição de cooperação entre estas duas polícias, entre estes dois países e eles estavam absolutamente seguros que, uma vez entrado na Alemanha, ele acabaria por ser detido. E foi isso que aconteceu.

E como é que se poderá desenrolar agora esta história? O que é que vai acontecer a Puigdemont? Não voltará certamente a Bruxelas...

Eu penso que não, penso que isto se poderá arrastar durante várias semanas, até mesmo alguns meses. Ele vai tentar tudo para evitar a sua extradição para Madrid. Ele vai utilizar todos os argumentos legais. E a verdade é que ao nível do governo alemão isto é uma batata quente e o governo alemão vai preferir que seja o processo judicial que tenha a primazia e não a questão política. Mas na realidade a prisão de Carles Puigdemont é uma questão absolutamente política e é uma questão que é vista em muitos círculos europeus com olhos muito críticos, ou seja, uma grande parte da intelectualidade e da opinião pública europeia mais esclarecida não entende as razões que levaram à detenção de Carles Puigdemont nem à detenção de outros líderes da Catalunha, ou seja, dos 13 líderes que neste momento estão detidos e que vão ser julgados por rebelião em Espanha.

Carles Puigdemont disse inclusivamente que este é um atentado contra a democracia. Victor, como é que pode evoluir a partir de agora a questão catalã?

A situação na Catalunha está a complicar-se, os independentistas vão continuar a manifestar-se de uma maneira extremamente ruidosa e muito presente nas ruas das principais cidades da Catalunha. E a verdade é que eles vão continuar a utilizar o argumento de que isto se trata de detidos políticos, ou seja, de prisões por delito de opinião. E esse tipo de argumento é um argumento que, em certa medida, passa bem junto da opinião pública e que faz com que a questão da Catalunha volte novamente aos cabeçalhos dos jornais europeus - e neste momento a prisão de Puigdemont é o grande título na maioria dos jornais europeus - volte por isso aos cabeçalhos desses jornais e seja tratada como uma questão que é difícil de entender, tendo em conta que a questão da rebelião só existe em poucos países europeu: existe em Espanha e de modo muito interessante existe também na Alemanha e também foi por isso

que o governo espanhol preferiu que ele entrasse em território alemão e só depois pedisse a sua detenção, porque esse tipo de crime existe de facto na Alemanha, só que na Alemanha se diz claramente que só é crime se houver uso da violência ou tentativa de utilizar a violência pública para se conseguir perverter a ordem constitucional.

II.

E num outro caso que está a marcar a actualidade: 14 paises da União Europeia anunciaram a expulsão de diplomatas russos em solidariedade com o Reino Unido. Bruxelas posiciona-se assim ao lado de Londres no caso do envenenamento do ex-agente Sergei Skripal, como nos conta a jornalista Marta Melo.

O Conselho Europeu, que se reuniu na semana passada, condenou o envenenamento do antigo agente russo Sergei Skripal, admitindo que é altamente provável que Moscovo seja responsável pelo sucedido.

A utilização de armas químicas, escreveu o Conselho num comunicado, deve ser condenada de forma sistemática e rigorosa.

O envenenamento de Sergei Skripal desencadeou uma crise internacional nas relações com Moscovo.

Londres expulsou 23 diplomatas russos de território britânico. A Rússia diz que é inocente e anunciou represálias.

De acordo com o jornal britânico *The Guardian*, são vários estados-membros da União Europeia que estão a preparar-se para expulsar diplomatas russos. Entre eles estão a França, Alemanha, Polónia, Irlanda, Holanda, Estónia, Letónia, Lituânia, Bulgária, República Checa e Dinamarca.

O Kremlin acusou a União Europeia de tentar agravar a crise com a Rússia.

Victor, entretanto, Donald Trump anunciou a expulsão de 60 diplomatas russos do país. No caso da Europa, foram 14 as nações que tomaram a mesma decisao. A solidariedade europeia já era esperada?

Creio que sim, na medida em que a Europa cresce e a Europa aprofunda-se quando existe um inimigo exterior comum e a

Rússia de facto ofereceu-se como sendo esse possível inimigo exterior comum. Aliás, não é o único. Neste momento, a Europa tem dois grandes inimigos exteriores comuns, a Rússia e a Turquia, e tem um adversário em matéria comercial que é o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Quer Moscovo, quer Ancara, quer Washington neste momento são bons argumentos para fazer avançar, digamos assim, a unidade entre os líderes europeus.

O que teria acontecido aqui se o Brexit fosse já uma realidade? Continuaria a haver a solidariedade no quadro da NATO e provavelmente - não com a mesma força, não com a mesma unidade, mas certamente com algum entusiasmo - haveria apoio dos países europeus em relação ao Reino Unido, porque de facto a questão da Rússia é uma questão relativamente central na política externa de defesa da União Europeia. Isto não quer dizer que haja um sentimento anti-russo, não há "russofobia". É verdade que Moscovo gostaria que isto fosse visto como um movimento contra os russos, isto é um movimento contra as opções políticas de Vladimir Putin.

O Victor mencionou ainda outra relação complicada: a da União Europeia e a Turquia. Esse foi outro dos temas que esteve em cima da mesa no Conselho Europeu. Os países do bloco pediram a Ancara – e cito aqui um comunicado - que "parasse as acções ilegais" no mar Egeu e "respeitasse a soberania do Chipre". Entre a gravação desde programa e a tramissão, Donald Tusk e outros líderes encontram-se com Erdogan. Não se prevê que seja um encontro fácil na Bulgária. Que é que se pode esperar deste frente-a-frente?

A Europa tem imensas dificuldade com a situação interna que se vive na Turquia, por um lado, pensa que existem na Turquia sérias violações dos direitos humanos. Por outro lado, há confrontações sucessivas e repetidas entre a Turquia e os países vizinhos, nomeadamente a Grécia, no Mediterrâneo, incluindo recentemente o choque provocado de fragatas turcas contra fragatas gregas e há também a questão da exploração do gás ao largo do Chipre, na medida em que a Turquia se opôs abertamente a que um barco italiano - que tinha sido contratado pelo Governo de Chipre para fazer a exploração do gás - entrasse

nas águas territoriais do Chipre e tivesse que voltar para trás. Ou seja, nós temos neste momento em relação à Turquia uma relação extremamente complexa, extremamente difícil de gerir e mais ainda porque a Turquia controla a torneira da imigração vinda da Síria e vinda do Afeganistão e, em certa medida, vinda também de outros países do Sudeste Asiático. E a Europa tem que caminhar sobre ovos quando trata com a Turquia.

Não se espera então uma posição de força por parte da Europa? Vai ter muitas dificuldades em exigir da Turquia muito mais do que, digamos assim, a libertação dos militares gregos, a libertação dos jornalistas, permitir que a exploração do gás se faça nas aguas territoriais de Chipre, mas sem no entanto ter uma posição de força. Na realidade, a Europa vai para esta reunião com a Turquia com três mil milhões de euros no bolso para oferecer à Turquia para que a torneira da imigração continue fechada.

IV.

E mais a Ocidente, Espanha e França são os países europeus mais afectados pelo terrorismo, em número de mortos e de atentados. Entre os anos 2000 e 2016, perderam a vida 253 pessoas em Espanha.

Já em França foram 250 vítimas mortais.

Em toda o continente 16 países escaparam ao terror: Entre eles esta Portugal, Chipre. República Checa, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, e Hungria.

Os dados foram revelados recentemente por um estudo da eurodeputada espanhola Maite Pagazaurtundúa. Chama-se o **Livro Branco e Negro do Terrorismo na Europa e** compreende o período entre anos 2000 e 2016.

Victor, este relatório que foi conhecido recentemente mas que ganha agora outra dimensão com os recentes ataques em Carcassone e Trèbes, no sul de França.

Que análise fazer de mais um atentado em nome do Estado Islâmico?

Bom, a primeira análise é de que este tipo de incidentes são muito difíceis de prever, muito difíceis de evitar. Foi novamente alguém absolutamente isolado, alguém que durante algum tempo tinha estado sob observação e que tinha uma ficha especial nos serviços de informações da França, mas que depois deixou de estar sob observação, porque na realidade não se manifestava em termos de acção. Ou seja, tinha opiniões relativamente radicais, mas nao fazia contactos nem planeava nada. Deixou de ser observado, e a verdade é que uns meses depois aparece na rua e aparece a matar pessoas e a lembrar-nos de que este tipo de situações vão continuar a existir nos países europeus, e nomeadamente em França, onde há muito jovem que veio da imigração e que não se sente totalmente integrado, não se sente totalmente aceite pela sociedade francesa e, nalguns casos, começa primeiro por ser um criminoso de pequena dimensão e depois acaba por ser um terrorista e acaba por criar uma situação como aquela que nós verificámos no final da semana passada no Sul de França.

A França que, aliás, é um dos países mais afectados por este terrorismo de inspiração jihadista como diz Livro Branco e Negro do Terrorismo na Europa.

Sim, a França tem imensos problemas de integração de certas comunidades. Aliás, sabe-se hoje de maneira clara que o governo francês tem muitas dificuldades em controlar certos bairros que são predominantemente habitados por pessoas vindas da imigração e nomeadamente pessoas vindas do Norte de África e com uma cultura e uma religião completamente diferente daquilo que é a cultura corrente e tradicional da França. Nós temos assistidom nomeadamente nos arredores de Paris e nos arredores de outras grandes cidades, ao surgimento de mesquitas muito radicais, pregadores que são totalitários na forma como vêem a religião e a vida pública e a França tem tido imensas dificuldades em encontrar uma resposta para esse tipo de acções. Ainda na semana passada cerca de cem grandes intelectuais franceses publicaram um manifesto a alertar para o facto de que este tipo de comunidades estão a dividir a França e estão a criar um problema que vai ser um problema de muito volume no futuro. Alertaram também para o facto de que cerca de 26 a 27 por cento das pessoas francesas de fé islâmica têm vistas radicais e muito próximas das posições salafistas. Ou seja, a França, como outros países de imigração, nomeadamente de imigração vinda do Norte de África, a França vai certamente continuar a ter muitos problemas e vai ter um grande desafio pela frente que é

ver como é que deve agir para poder integrar melhor estas pessoas no sistema de valores que tem sido o sistema de valores que tem sido o sistema de valores tradicionais na França.

16 países escaparam ao terror, segundo o estudo citado acima. Portugal é um deles, mas na maior parte destes nomes são do Leste Europeu e que fecham actualmente as portas à imigração. A imigração de pessoas vindas de culturas completamente diferentes acaba por criar algumas dificuldades e que os governos europeus, e nomedamente os governos da Europa Ocidental não têm tratado a questão da integração e da assimilação dessas pessoas como deve ser. Antes dizia-se que em "Roma sê como os romanos", mas na verdade perdeu-se um bocado a sabedoria que estava por detrás desse ditado e neste momento as pessoas vêm e acabam por ser mais radicais nos arredores do país do que os seus pais ou avós são, por exemplo, nas montanhas do Atlas de Marrocos, ou seja, há mais radicalismo, há mais posições extremistas em certa zonas periféricas nas grandes cidades francesas do que em muitas zonas rurais de Marrocos ou da Argélia.

V.

Estivemos com Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

E antes de terminar, deixamos a nossa sugestão cultural da semana. Bob Dylan lança dia 31 de Março "Triplicate". O 38.º álbum do músico e Prémio Nobel da Literatura tem versões de clássicos da música norte-americana, como é o caso de *As time goes by*, de Harold Hupfield. O álbum está dividido em três discos. com 10 músicas cada.

Hoje ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + Estamos no Facebook em Magazine Europa.